

A linguagem não verbal no processo analítico através do corpo e suas identificações narcísicas

Non-verbal language in the analytical process through the body and its narcissistic identifications

El lenguaje no verbal en el proceso analítico a través del cuerpo y sus identificaciones narcisistas

Recebido: 21/07/2020

Aprovado: 11/12 /2020

Publicado: 18/04/2021

Marcia Martins Teixeira¹
María Teresa Paz Aravena Lagos²
Simone Bruno de Oliveira³
Rita de Cássia Ramos⁴

Esta é uma revisão narrativa realizada em 2018, com o objetivo de descrever na perspectiva freudiana a linguagem corporal não verbal no processo analítico. Três tópicos foram elencados: *A pulsão e seus aspectos*; *O corpo na psicanálise freudiana e o ideal do ego*; e *Identificações narcísicas*. Na perspectiva freudiana não existe distinção entre o psíquico e o somático, ambos estão ligados. Assim, verifica-se a influência pulsional na constituição do sujeito e, a pulsão está presente desde a primeira fase do desenvolvimento sexual, que é a oralidade. A identificação é um dos elementos encontrados no narcisismo, na qual as primeiras identificações vão ocorrer na cena familiar, durante o complexo de Édipo. A forma como o paciente se comporta na sessão, por via da linguagem não verbal, também conta a sua história de vida, o que nele está inconsciente. O analista tem como função desvendar o que está por trás do discurso não dizível, externalizado pela linguagem não verbal. Assim como, pelo principal recurso que é a manifestação do inconsciente por via dos sintomas, atos falhos, sonhos e chistes.

Descritores: Psicanálise; Linguagem; Desenvolvimento sexual; Narcisismo.

This is a narrative review conducted in 2018. It aims to describe non-verbal body language in the analytical process with a Freudian perspective. Three topics were listed: *The drive and its aspects*; *The body in Freudian psychoanalysis and the ego ideal*; and *Narcissistic identifications*. In the Freudian perspective, there is no distinction between psychic and somatic, both are linked. Thus, the instinctive influence on the subject's constitution is verified, and the instinct is present since the first phase of sexual development, which is orality. Identification is one of the elements found in narcissism, in which the first identifications will occur on the family scene, during the Oedipus complex. The way the patient behaves in the session, through non-verbal language, also tells their life story, which is unconscious in them. The analyst has the function of unveiling what is behind the non-speakable discourse, externalized by non-verbal language. As well as, by the main resource that is the manifestation of the unconscious through symptoms, Freudian slips, dreams and jokes.

Descriptors: Psychoanalysis; Language; Sexual development; Narcissism.

Esta es una revisión narrativa realizada en 2018, con el objetivo de describir desde una perspectiva freudiana el lenguaje corporal no verbal en el proceso analítico. Se enumeraron tres temas: *La pulsión y sus aspectos*; *El cuerpo en el psicoanálisis freudiano y el ideal del yo*; e *Identificaciones narcisistas*. En la perspectiva freudiana no hay distinción entre lo psíquico y lo somático, ambos están conectados. Así, se comprueba la influencia pulsional en la constitución del sujeto y la pulsión está presente desde la primera fase del desarrollo sexual, que es la oralidad. La identificación es uno de los elementos que se encuentran en el narcisismo, en el que las primeras identificaciones se darán en la escena familiar, durante el complejo de Edipo. La forma en que el paciente se comporta en la sesión, mediante el lenguaje no verbal, también cuenta su historia de vida, lo que hay de inconsciente en él. La función del analista es desvelar lo que hay detrás del discurso que no se puede decir, exteriorizado por el lenguaje no verbal. Así como, por el recurso principal que es la manifestación del inconsciente a través de síntomas, actos fallidos, sueños y chistes.

Descriptores: Psicoanálisis; Lenguaje; Desarrollo sexual; Narcisismo.

1. Turismóloga. Psicanalista. Especialista em Gestão Empresarial. Especialista em Psicanálise. Doutoranda em Psicologia pela Universidade de Ciências Empresariais e Sociais (UCES), Buenos Aires, Argentina. ORCID: 0000-0001-8415-9753 E-mail: mmartinsteixeira@hotmail.com
2. Psicóloga. Especialista em Psicologia Infantil e Familiar. Mestre em Psicologia do Esporte. Doutoranda em Psicologia pela UCES, Buenos Aires, Argentina. ORCID: 0000-0001-6070-6935E-mail:mariapaz.aravena.l@gmail.com
3. Educadora Artística. Psicanalista. Especialista em História da Arte. Especialista em Psicopedagogia. Especialista em Psicanálise. Doutoranda em Psicologia pela UCES, Buenos Aires, Argentina. ORCID: 0000-0002-0198-5935E-mail: simonidilima@gmail.com
4. Bacharel e Licenciada em Letras Português/Alemão. Psicanalista. Especialista em Ciências Humanas. Mestre em Língua Portuguesa. Doutora em Literatura Portuguesa. ORCID: 0000-0002-9749-3993 E-mail: profa.cassiapsi@gmail.com

INTRODUÇÃO

A linguagem permite estar em comunicação com o outro, mesmo no silêncio, há um dizer; para compor uma fala sobre algo não dizível, ato vivenciado no *setting* analítico. Tal silêncio preenche um ambiente, um espaço e, pode levar a uma interpretação ou até a um *insight*. A técnica analítica parte do discurso do sujeito e trabalha com as suas representações, aquelas que podem ser desvendadas através da associação livre e da manifestação do inconsciente.

Em trabalhos do fundador da psicanálise (“Afasia”¹, “O Inconsciente”²) se apresentou os primeiros fundamentos sobre a representação-coisa (inconsciente) e a representação-palavra (pré-consciente). A partir do tratamento das pacientes com histeria, percebeu-se que a palavra tinha uma representação afetiva, dando início à utilização do método de associação livre, que caracteriza a técnica analítica.

Aponta-se como base da psicanálise o funcionamento dos sistemas inconsciente (Ics), consciente (Cs) e, pré-consciente (Pcs), que se articulam e, possuem um modo próprio de funcionamento². Considera-se que há dois processos: o primário, que consiste no modo de funcionamento do sistema Ics, caracterizado pelos mecanismos de deslocamento e condensação, e o secundário, que é o modo de processamento do Cs e do Pcs².

Por outro lado, a comunicação não verbal é a forma não discursiva. Em si, afirma-se que compreende 93% da possibilidade de expressão, uma vez que:

*38% das oportunidades são por sinais vocais (entonação da voz, grunhidos, ruídos vocálicos de hesitação, pronúncia, tosse e o suspiro provocados por tensão) e, em 55%, pelos sinais silenciosos do corpo, como os gestos, o olhar, a postura, a expressão facial e as próprias características físicas*³.

A primeira impressão a ser transmitida para o mundo externo é por intermédio da imagem percebida por aquele que olha. Também nos sonhos, a comunicação não verbal é utilizada na psicanálise.

Tem-se a imagem como expressão de afetos cifrados através da condensação e do deslocamento, que são cercados de representações e simbolismos. É possível perceber que, tanto a comunicação verbal, como a não verbal trabalham em conjunto, para que o sujeito possa dar notícias do seu inconsciente.

Unindo linguagem, psiquismo e corpo, se propõe identificar como se funda o psiquismo a partir da perspectiva freudiana:

*(...) o psiquismo humano se funda, por um lado, na ordem do corpo e da pulsão e, pelo outro, na ordem da linguagem, o que implica a intersubjetividade, contexto básico para se representar a inovação conceitual e ética, introduzida pelo discurso freudiano*⁴.

Dessa concepção, no *setting* analítico, é possível fazer algumas interpretações por via da linguagem não verbal, principalmente a corporal: a forma de o paciente se vestir, como deita no divã ou senta-se, a expressão facial, gestos com os braços e mãos e até a reprodução da sua fala – se é tímido, inseguro, arrogante ou imperativo. Todos esses fatores são considerados como uma comunicação não verbal e cabe ao analista interpretar e identificar nessas atitudes o que o seu analisando realmente traz nos “bastidores” do seu discurso.

No conceito de *acting* aponta-se: *um conjunto de hábitos e ações que o analisando utiliza, quando não consegue lembrar e verbalizar determinados sentimentos reprimidos*⁵. O *acting* exerce função de comunicação não verbal, que, na maioria dos casos, só é percebido a partir do processo analítico. O papel do *acting* na vida do sujeito é impedir que os conteúdos que estão reprimidos se tornem conscientes. Em tais casos, a função do analista é identificar os padrões de conduta do analisando e implicá-lo em suas atitudes e responsabilidades.

Houve mudança na percepção da função do *acting* na clínica contemporânea⁵. Este *acting* pode não ser uma forma de resistência inconveniente para a análise, e sim, um modo de comunicação primitiva não verbal, à espera que o analista possa decodificar e nomear a dramatização inconsciente. Além disso, pode ser negativo e decorrente de predomínio da

pulsão de morte (dificulta o processo analítico de mudança), ou benigno (fornece uma via de comunicação) e, aí, prevalece à pulsão de vida. Assim, esse estudo tem como objetivo descrever na perspectiva freudiana a linguagem corporal não verbal no processo analítico.

MÉTODO

Esta é uma revisão narrativa de caráter exploratório com fundamentação na teoria freudiana, realizado em 2018. Utilizou-se como base de referência três textos da obra freudiana, a saber: “*Introdução ao Narcisismo*”⁶ de 1914, “*Os Instintos e suas Vicissitudes*”⁷ de 1915 e, “*Psicologia das Massas e Análise do Eu*”⁸ de 1921, que trazem aspectos sobre: o corpo, as pulsões, narcisismo e identificação.

Como questão norteadora considerou-se: *Como se manifesta a comunicação entre a linguagem corporal não verbal e as identificações narcísicas no processo analítico?*

Após a leitura dos textos, se traz uma reflexão sobre a psicanálise e a linguagem corporal não verbal dentro do *setting* analítico.

RESULTADOS

Nos textos elencados considerou-se a exploração das questões ligadas à linguagem não verbal no olhar psicanalítico pelos seguintes tópicos: *A pulsão e seus aspectos; O corpo na psicanálise freudiana e o ideal do ego; e Identificações narcísicas.*

DISCUSSÃO

A pulsão e seus aspectos

A pulsão é uma força distinta do estímulo, sendo que esse tem suas excitações advindas do mundo externo⁷. A pulsão, por sua vez, tem sua fonte na representação psíquica, que é interna; e foi dividida, inicialmente, em duas partes: pulsões do Ego (ou de autoconservação) e pulsões sexuais (ou de preservação da espécie)⁷.

As pulsões se dividem como pulsão de vida e pulsão de morte. O impulso, desde sempre, é um só, o que acontece é que, ao longo de um processo de subjetivação e por via do “dualismo”, a pulsão de vida se torna “sexualizada” e a pulsão de morte permanece igual (dessexualizada). A função da sexualidade, no curso da vida humana, será a de refrear a pulsão de morte⁹.

A pulsão possui quatro características que lhe são inerentes: fonte, finalidade, pressão e objeto⁷. *Fonte* faz parte do processo somático, que está presente em um órgão ou uma determinada parte do corpo onde acontece o estímulo, representado na vida psíquica pela pulsão. *Pressão* diz respeito a pressão exercida e constante na quantidade de energia pulsional e que representa o aspecto econômico. *Finalidade* é sempre a busca da satisfação, que é obtida no estado de estimulação presente na fonte pulsional. *Objeto* é o caminho para se alcançar a meta, sendo muito variável e mutável; pode ser um objeto externo, uma pessoa ou uma parte do próprio corpo. Seu intuito é chegar à satisfação, na descarga da excitação⁷.

No início da vida, as pulsões são apenas de autoconservação, cuja proposta será sempre atingir a satisfação de várias formas; portanto, essa satisfação está ligada ao desejo e não à necessidade e, situa-se entre o somático e o psíquico. Na pulsão de autoconservação, se relaciona a vida do bebê e os cuidados que a mãe tem com ele⁹.

Esse processo simbiótico, que proporciona sensações de calor, amparo, segurança e amor, traz a primeira percepção dos contornos corporais. Em virtude desse fato, é nesse momento que o bebê começa a ter uma percepção do seu corpo, sendo esse período denominado fase oral. Nessa etapa, as pulsões sexuais são descarregadas através da oralidade, no contato da boca com o seio materno, além da descoberta de outras partes do seu próprio corpo, em um processo de autoerotismo¹⁰.

Na teoria da sexualidade, se discorre sobre a primeira zona erógena a ser descoberta:

No chuchar ou sugar com leite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo autoerótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena¹⁰.

O corpo na psicanálise freudiana e o ideal do ego

A obra freudiana não faz distinção entre corpo físico e psíquico, de modo que, o psíquico e o somático estão ligados e é através do corpo que a psique atua para externalizar sentimentos, sensações, percepções e sintomas. Por sua vez, a presença da sexualidade nos traumas psíquicos vividos na infância^{10,11}, foi apontada.

O conceito de sexualidade, algo além do genital, é ligado diretamente a todos os aspectos da vida humana e, consiste naquilo que permite ao humano uma conexão com a vida, na busca da satisfação e do prazer⁷.

O estudo sobre a histeria foi fundamental para o desenvolvimento da psicanálise. Os acontecimentos traumáticos geram uma fixação na vida psíquica do sujeito e a histeria se constitui a partir da emoção sofrida nessas situações traumáticas, não exteriorizadas. Uma parte dessa emoção fica como carga contínua na vida psíquica e será fonte permanente de excitação. A outra se apresenta em sintomas físicos, como a conversão histérica, que recebeu essa denominação em razão dos fenômenos corporais e sintomas presentes em todas as pacientes histéricas¹².

A conversão histérica é algo além dos fenômenos corporais, uma atuação entre o afeto e a ideia recalcada na qual a repressão atua. A sintomatologia histérica apresenta característica semelhante à deformação dos sonhos. Ou ainda, é possível: *“qualificar de histéricos tais fenômenos quando surgem não como consequência de um afeto extremo (porém de fundamento objetivo), mas, de forma aparentemente espontânea, como manifestações mórbidas”¹².*

Para compor o pensamento do corpo em psicanálise, se conta com o ego corporal: *“O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas, é ele próprio, a projeção de uma superfície”* e, o corpo é um receptor de sensações e percepções, tanto internas como externas¹¹.

Uma das formas que o sujeito dispõe de tomar consciência de seus órgãos e do corpo é por intermédio das doenças que causam dor e sofrimento: *“a dor parece ter nisso um papel, e o modo como adquirimos um novo conhecimento de nossos órgãos, nas doenças dolorosas, é talvez um modelo para a forma como chegamos à ideia de nosso corpo”¹¹.*

Ou ainda: *“o que já afirmamos sobre o Eu consciente é sobretudo um Eu do corpo”¹¹.* O Ego é constituído de sensações corporais, assim como as percepções. É o mediador entre o Id e o Superego, e assume algumas responsabilidades, especificamente: zelar e cuidar da psique e do corpo; ser o senso comum e atuar na percepção da memória, sentimentos e pensamentos. Quando ocorre uma falha no Ego, surgem aflições, angústias e sintomas¹¹.

O corpo e o Ego aparecem intrinsecamente associados e o Ego passa a ter, dentro de suas tarefas, a missão de ser um mensageiro, que acena quando as coisas não vão bem, sendo fonte de percepções internas e externas¹¹. O sofrimento, por sua vez, proporciona um retorno da libido dos objetos para a superfície corpórea.

O Eu deriva, em última instância, das sensações corporais, principalmente daquelas oriundas da superfície do corpo. Pode ser visto, assim, como uma projeção mental da superfície do corpo¹¹. Dessa forma, se pode pensar no corpo como um possível canal de comunicação com o mundo, através da linguagem não verbal, a partir das sensações internas e externas, captadas pelos estímulos.

Identificações narcísicas

O narcisismo remete ao mito de *Narciso*, herói que se apaixonou pela própria imagem. Encantado com sua beleza refletida ficou deitado na relva de um rio, tentando falar com a sua

própria imagem, até que, desesperado pelo silêncio da imagem, atirou-se na água e morreu afogado. Seu corpo desapareceu, nascendo em seu lugar a flor de “*narciso*”¹³.

Em conformidade com o conceito de narcisismo, se defende a constituição do eu e o investimento na libido. Há dois tipos de narcisismo: o primário e o secundário. No primeiro estágio, o corpo é um organismo que reage ao meio de forma desorganizada, é experienciado por uma série de pulsões parciais descoordenadas, como o autoerotismo e, nesse ponto, a satisfação é retirada do próprio corpo¹⁰. Verifica-se que no ato do bebê ao sugar o seio, a mãe é vista como uma extensão dele. Até esse momento, para o bebê, ainda não existe uma consciência do mundo externo e do seu próprio corpo.

Ao analisar as características do narcisismo primário, os pais exercem sobre o bebê um narcisismo próprio, denominado narcisismo abandonado: “*Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado*”⁶. O amor dos pais por esse bebê surge, assim, como o narcisismo renascido.

Após a fase no narcisismo primário, o sujeito se depara com o eu ideal, que se refere àquilo que gostaria de ter sido. Designa o desejo dos pais e as expectativas da sociedade. O ideal do eu é uma instância secundária, formada a partir do complexo de *Édipo* e representa o que se deve ser por meio da identificação; trata-se de uma instância simbólica. Logo, se tornará o substituto das figuras parentais e deslocará essa identificação para outros representantes, como professores e pessoas que exercem uma hierarquia⁸.

A identificação é um dos elementos encontrados no narcisismo, processo pelo qual o Ego passa de forma inconsciente, que pode ser total ou parcial. Portanto, a identificação contém outra característica, que é a introjeção feita pelas figuras parentais. O Ego, em conformidade com as representações objetais, é influenciado pelo superego e suas figuras idealizadas, tais como amada, admirada ou odiada^{8,11}.

O amor objetal de ligação é próprio do sexo masculino, que possui uma supervalorização sexual, o que tem relação com o narcisismo primário. Nesse caso, ocorreu uma substituição desse narcisismo pelo objeto sexual. Essa fase é associada ao estágio da paixão que decorre de um empobrecimento do Ego, em ligação ao objeto de amor. No cenário feminino ocorre o processo de identificação e a escolha objetal de modo diferente, pois a dissolução do *Édipo* feminino possui as suas peculiaridades, ocorrendo um percurso mais longo do que no masculino⁷.

As primeiras identificações vão ocorrer na cena familiar, durante o complexo de *Édipo*; contudo, na vida adulta, esse movimento se apresenta nas relações do sujeito com o mundo e o meio em que vive⁷. A identificação é a mais antiga manifestação afetiva com o outro. A dissolução do *Édipo* no menino que, ao passar pela castração, adota uma postura hostil contra o pai, ao perceber que a única maneira de ter a mãe é sendo igual ao progenitor⁸.

A identificação possui três aspectos: *primordial*, como forma de ligação afetiva com o objeto; *regressiva*, sendo uma via para a ligação objetal libidínica, ou apenas como uma forma de *identificação com o outro*, que não é objeto dos instintos sexuais⁷. A teoria freudiana defende a identificação como:

*(...) a mais antiga e original forma afetiva; nas circunstâncias da formação dos sintomas, ou seja, da repressão, e do domínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha de objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o Eu adote características do objeto*⁸.

CONCLUSÃO

Focalizou-se aqui a pulsão, o corpo na perspectiva freudiana e suas identificações narcísicas. Contar a história de um sujeito sem olhar para esses pontos em um processo analítico se torna impossível para o manejo clínico.

É comum, ao se pedir nas primeiras sessões para o paciente falar de si, da família e relatar como foi à infância e adolescência, alguns encontrarem dificuldades e não saberem como começar, ou até o que falar.

Esse é um momento em que as identificações podem se apresentar. Todavia, não são todas as pessoas que têm clareza quanto às suas identificações e até mesmo consciência corporal. O processo analítico vai contribuir para esse reconhecimento e entendimento.

Se a psique e o corpo são a mesma coisa, não existe separação entre eles. Mas, em geral os pacientes têm dificuldades de se expressarem de formas verbais e, para levar a efeito a comunicação, recorrem ao artifício da linguagem não verbal. Os pacientes utilizam recursos extralinguísticos para se comunicarem e podem se expressar através de um tipo de vestimenta, comportamento, timidez, excesso de expansividade, entre outros.

Assim, o analista deve identificar esse movimento pela manifestação do inconsciente, que se apresenta também por via dos sintomas, atos falhos, sonhos e chistes. É com base nessa concepção que acontece o processo analítico.

Este estudo tem como limitações a escolha de textos clássicos, sem os defrontar com produções contemporâneas, porém, aponta ao mesmo tempo, a importância de um olhar sobre a linguagem não verbal, no *setting* analítico.

REFERÊNCIAS

1. Freud S. Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e históricas (1893 [1888-1893]). In: Freud S. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 91-102. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 1).
2. Freud S. O inconsciente (1915). In: Freud S. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 95-128 (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 14).
3. Santos TD, Andrada e Silva MA. Comunicação não verbal com profissionais da voz: o que se pesquisa na fonoaudiologia. Rev CEFAC [Internet]. 2016 [citado em 09 mar 2021]; 18(6):1447-55. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v18n6/1982-0216-rcefac-18-06-01447.pdf>
4. Birman J. Ensaios de teoria psicanalítica, parte 1: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1993. p. 75.
5. Zimerman DE. As atuações (*Actings*). In: Zimerman DE. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed; 2007. p. 391-6.
6. Freud S. Os instintos e seus destinos (1915). In: Freud S. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Souza PC, tradutor. São Paulo: Companhia das Letras; 2016. p. 38-60 (Obras Completas; 12).
7. Freud S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: Freud S. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 67-84. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 14).
8. Freud S. A identificação. In: Freud S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Souza PC, tradutor. São Paulo: Companhia das Letras; 2016. p. 46-52. (Obras completas; 15).
9. Freud S. Além do princípio do prazer (1920). In: Freud S. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 3-42. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 18).
10. Freud S. A sexualidade infantil. In: Freud S. Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 106-26. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 7).

11. Freud S. O ego e o id (1923). In: Freud S. O ego e o id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago; 1996. p. 3-42 (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud; 19).
12. Freud S. A conversão histérica. In: Freud S. Estudos sobre a histeria (1893-1895). Barreto L, tradutora. São Paulo: Companhia das Letras; 2010. p. 160-8. (Obras completas; 2).
13. Freud S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva: "O homem dos ratos" - uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). Souza PC, tradutor. São Paulo: Companhia das Letras; 2013. 119p. (Obras completas; 2).

Editora Associada: Fernanda Carolina Camargo

CONTRIBUIÇÕES

Marcia Martins Teixeira foi responsável pela concepção, análise, redação e revisão. **María Teresa Paz Aravena Lagos** e **Simone Bruno de Oliveira** contribuíram na análise e redação. **Rita de Cássia Ramos** participou na redação e revisão.

Como citar este artigo (Vancouver)

Teixeira MM, Aravena Lagos MTP, Oliveira SB, Ramos RC. A linguagem não verbal no processo analítico através do corpo e suas identificações narcísicas. REFACS [Internet]. 2021 [citado em *inserir dia, mês e ano de acesso*]; 9(2):481-87. Disponível em: *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*

Como citar este artigo (ABNT)

TEIXEIRA, M. M.; ARAVENA LAGOS, M. T. P.; OLIVEIRA, S. B.; RAMOS, R. C. A linguagem não verbal no processo analítico através do corpo e suas identificações narcísicas. **REFACS**, Uberaba, MG, v. 9, n. 2, p. 481-87, 2021. DOI: *inserir link do DOI*. Disponível em: *inserir link de acesso*. Acesso em: *inserir dia, mês e ano de acesso*.

Como citar este artigo (APA)

Teixeira, M.M., Aravena Lagos, M.T.P., Oliveira, S.B., & Ramos, R.C. (2021). A linguagem não verbal no processo analítico através do corpo e suas identificações narcísicas. *REFACS*, 9(2), 481-87. Recuperado em *inserir dia, mês e ano de acesso* de *inserir link de acesso*. DOI: *inserir link do DOI*.

